

O GRITO DOS EXCLUÍDOS EM MOSSORÓ – CONSTRUÇÃO COLETIVA E EDUCAÇÃO POPULAR

Zélia Cristina Pedrosa do Nascimento

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN - zeliacebi@gmail.com

Francisco Canindé de Moraes Costa¹

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN - Caninde.c@hotmail.com

Hostina Maria Ferreira do Nascimento²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN - hostinanasciemnto@hotmail.com.br

Resumo: O trabalho se propõe a descrever e analisar como ocorre a construção e realização do Grito dos Excluídos na cidade de Mossoró-RN, destacando como esta experiência de luta pelo bem comum e denúncia de situações de injustiça contribui para a articulação entre sindicatos, movimentos sociais e pastorais sociais na cidade e se constitui num processo de educação popular. Este movimento teve origem quando as pastorais sociais e organismos da CNBB se reuniram para avaliar os resultados da 2ª semana social brasileira realizado nos anos de 1993/1994, surgindo a ideia de dar continuidade as discussões e trocas de experiências ali geradas. No ano de 1995 diante da Campanha da Fraternidade de 1995, foi decidido realizar uma mobilização que chamasse a atenção da população e dos governos para o drama dos que vivem às margens da sociedade, para fazer ecoar as vozes silenciadas, unindo pastorais e movimentos sociais. Na cidade de Mossoró no Rio Grande do Norte o grito acontece ininterruptamente e adquiriu autonomia em relação à Igreja de onde nasceu. Não se resume ao dia 07 de setembro mas engloba um processo de articulação e construção coletiva que dura de dois a três meses. A equipe de articulação central convoca e reúne pastorais sociais, organismos da sociedade civil e sindicatos para estudar e aprofundar o tema proposto pela equipe Nacional e levantar as realidades locais contempladas pelo tema. A partir daí ocorrem rodas de conversas em bairros, paróquias, comunidades e entidades, oficinas, seminários e coletiva de imprensa. Cada entidade que integra a articulação do grito pode propor atividades e temas. Este mutirão culmina com a celebração, marcha e confraternização do dia 07 de setembro. Como membro da equipe de articulação do grito nos propomos a estudar este fenômeno buscando distinguir suas potencialidades e limites e também a sua contribuição para a articulação dos movimentos sociais em Mossoró.

Palavras chave: Grito dos Excluídos. Articulação. Educação e Organização Popular. Pastorais Sociais. Movimentos Sociais.

Na nossa cidade de Mossoró no Estado do Rio Grande do Norte quem participa do desfile cívico militar do dia 07 de setembro já ouviu as vozes e já viu a caminhada do Grito dos Excluídos como um corpo estranho nesta festa oficial que pretende celebrar a independência e exaltar a pátria. Com símbolos, faixas musicas e palavras de ordem e sem respeitar as fileiras organizadas dos grupos que desfilam, o movimento questiona o próprio sentido da celebração e apresenta o outro lado da realidade.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN - e-mail: Caninde.c@hotmail.com

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – e-mail: hostinanasciemnto@hotmail.com.br

Se muitos veem, poucos conhecem o movimento, sua proposta, sua organização e sua abrangência. Apenas veem a sua aparição certa as vezes pacífica e as vezes reprimida.

Segundo a mensagem oficial da CNBB para as celebrações do 7 de setembro: “O ‘Grito dos Excluídos’ nasceu com o objetivo de responder aos desafios levantados por ocasião da 2ª Semana Social Brasileira, realizada em 1994, cujo tema era ‘Brasil, alternativas e protagonistas’, e aprofundar o tema da Campanha da Fraternidade em 1995, que tinha como lema ‘Eras tu, Senhor’.”³

Nascia com o objetivo de ser uma convergência das pautas comuns somando a diversidade de lutas sociais e populares que explodiram no Brasil a partir da luta pela redemocratização brasileira, como as lutas pelas Diretas Já (1983-1984), o fora Collor (1992) e as lutas por Reforma Agrária. Foi assumido pelo Setor Social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil⁴ em parceria com outras Igrejas e com Sindicatos e Movimentos Sociais. A forma de realização do ato de protesto e denúncia difere de acordo com a realidade local e a criatividade dos envolvidos: caminhadas, desfiles, celebrações especiais, romarias, atos públicos, procissão, pré-Gritos, rodas de conversa, cursos, seminários, palestras. É uma experiência de ecumenismo e comunhão na prática.

Na sua organização conta com uma Coordenação Nacional, Secretaria Nacional, Coordenações locais e estaduais. Também conta com uma rede de articuladores/as e voluntários/as espalhados/as por todo o país responsáveis pela animação dos processos de construção. Este começa no início do ano com a coleta de sugestões para as pautas e tema e concurso para escolha de cartaz e hino. Em 2005 mudou o nome para Grito dos Excluídos e das Excluídas incorporando em seu título a discussão de gênero e a referência expressa ao público feminino.

Ao longo de 23 anos sempre se levanta a discussão sobre o lema original Vida em Primeiro Lugar inspirados por tema específico que guarda relação com a realidade do momento. Para demonstrar a relação entre a realidade e a temática, elencamos aqui todos os lemas já trabalhados.⁵

- 1995, A Vida em primeiro lugar.
- 1996, Trabalho e Terra para viver.
- 1997, Queremos justiça e dignidade.

³ <http://cnbb.net.br/cnbb-divulga-mensagem-para-o-dia-7-de-setembro/>

⁴ A pastoral Social tem como finalidade específica concretizar em ações sociais e específicas a solicitude da Igreja diante de situações reais de marginalização. Recentemente, em 21/06/2017, a CNBB mudou o nome da Comissão dos Bispos que coordena do Setor Social de Comissão Episcopal Pastoral para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz para Comissão Episcopal Pastoral para a Ação Social Transformadora.

⁵ Maiores detalhes sobre a evolução histórica do grito e visualização de cartazes e hinos pode ser vista na página <http://www.gritodosexcluidos.org>

- 1998, Aqui é o meu país.
- 1999, Brasil: um filho teu não foge à luta.
- 2000, Progresso e Vida Pátria sem Dívida\$, junto com a realização do Plebiscito Nacional da Dívida Externa.
- 2001, Por amor a essa Pátria Brasil.
- 2002, Soberania não se negocia, junto com a realização do Plebiscito Nacional contra a ALCA em todo o Brasil.
- 2003, Tirem as mãos... O Brasil é nosso chão!
- 2004, Brasil: Mudança pra valer o povo faz acontecer.
- 2005, Brasil: em nossas mãos a mudança!
- 2006, “Brasil: na força da indignação, sementes de transformação”.
- 2007, “Isto não Vale: Queremos Participação no Destino da Nação”.
- 2008, “Vida em primeiro lugar Direitos e Participação Popular”.
- 2009, “Vida em primeiro lugar: A força da transformação está na organização popular”.
- 2010, “Vida em primeiro lugar: “Onde estão nossos Direitos? Vamos às ruas para construir o projeto popular”.
- 2011, “Pela vida grita a TERRA... Por direitos, todos nós!”.
- 2012, “Queremos um Estado a Serviço da Nação, que garanta direitos a toda população”.
- 2013, “Juventude que ousa lutar constrói projeto popular”,
- 2014, “Ocupar ruas e praças por liberdade e direitos”.
- 2015, “Que País é este, que mata gente, que a mídia mente e nos consome”.
- 2016, “Este Sistema é insuportável: Exclui, degrada, mata!”
- 2017, “Por direitos e democracia a luta é todo dia”

Nos estreitos limites desse artigo é impossível resgatar toda a riqueza da história e das mobilizações a nível de Brasil. Apesar da antiguidade e da capilaridade do movimento ele não foi ainda objeto de um estudo mais aprofundado. Numa breve busca de trabalhos acadêmicos sobre o tema encontramos apenas referências ao Grito em artigos classificando-o com movimento social e relatos sobre experiência locais como o feito pelo estudante Emanuelson Matias de Lima como Trabalho da Conclusão de Curso no Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba com o

título “Quem são vocês? O povo unido outra vez!: o grito dos excluídos em Santa Rita-PB (2002 a 2004)”⁶.

A título de exemplo, citamos o professor Fabiano Rosa de Magalhães que em artigo publicado na revista científica *Pensamento Plural*, editada semestralmente pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pelotas assim avalia o Grito realizado em Belo Horizonte:⁷

Também é relevante o fato de os movimentos sociais realizarem o “Grito dos Excluídos” no Sete de Setembro, no mesmo momento em que se realizam as Paradas Militares. Esta manifestação vem ocorrendo nos últimos anos na Praça da Liberdade ou na Praça Sete, em Belo Horizonte, enquanto as paradas militares, tradicionalmente, ocorrem na Avenida Afonso Pena.

Essa coexistência de duas ações de rua, em espaços diferenciados, merece ser abordada sob o ponto de vista das representações que são levadas às ruas pelos distintos grupos. Em consequência, tomando-se o Sete de Setembro, dia da Independência, colocam-se no espaço urbano duas concepções distintas; uma que reforça as insígnias do poder e a concepção disciplinar sobre a própria organização societal, representada pelas paradas militares, e outra, representada pelo “Grito dos Excluídos”, buscando questionar as estruturas de poder e dominação, inclusive tomando-se como referência o próprio símbolo do Sete de Setembro, que expressaria a Independência do Brasil. Denunciando geralmente uma questão que é o mote de um determinado ano¹⁰, os manifestantes do “Grito dos Excluídos” questionam também essa “independência” e toda simbologia nacionalista conservadora agregada às paradas militares. A manifestação é seguida em multidão não ordenada, diferentemente das Paradas Militares, que reforçam elementos de hierarquia, com autoridades no palanque e desfiles ordenados.

A professora Ilse Scherer-Warren, em artigo publicado na *Revista História, Debates e tendências*, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo analisando os Movimentos Sociais no Brasil Contemporâneo⁸ cita o grito dos excluídos como um exemplo de Movimento Social que não busca galgar os espaços de poder, mas como uma rede que se propõe a exercer a cidadania fortalecendo e articulando os espaços da sociedade civil organizada, tanto com mobilizações e manifestações de massa como tecendo parceria para a implantação de políticas públicas, guardando sempre sua autonomia.

O grito é pioneiro numa prática que eclodiu com força no Fórum Social Mundial de criação de redes, fóruns, associações, assembleias populares e conferências que formam o chamado “movimento cidadão crítico”. De fato, o site do grito, já citado neste artigo propõe como objetivo geral da mobilização “VALORIZAR a vida e anunciar a esperança de um mundo melhor,

⁶ <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/13269>

⁷ <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pensamentoplural/article/view/.../2717> - página 22

⁸ http://ppgh.upf.br/download/HDT_2007_01rev_hist_v7_n1.pdf#page=7

construindo ações a fim de fortalecer e mobilizar a classe trabalhadora nas lutas populares.” (grifo nosso). Destacamos o papel educativo e aglutinador do grito como um processo pedagógico. Unir forças e unir bandeiras de luta compreendendo e sentindo que a ameaça a um direito pode solapar todos os outros.

No dizer do professor Paulo Freire a mobilização social busca não apenas um objeto palpável e imediato mas neste processo levar as pessoas que dele participam a crescer na conscientização.

Não se pode chegar à conscientização crítica apenas pelo esforço intelectual, mas também pela práxis: pela autêntica união da ação e da reflexão. Não se pode impedir aos homens uma tal ação reflexiva. Se se fizesse isto os homens não seriam outra coisa que peças nas mãos dos líderes, que se reservariam o direito de tomar decisões. A esquerda autêntica não pode deixar de favorecer a superação da falsa consciência dos homens, em qualquer nível que ela exista, e tanto mais quanto a direita é incapaz de fazê-lo. Para manter seu poder, a direita tem necessidade de uma elite que pense por ela e a ajude a realizar seus projetos. Os líderes revolucionários têm necessidade de homens para fazer do projeto revolucionário uma realidade, mas homens que se façam cada vez mais conscientes de uma maneira crítica. (Freire, 1980 – pag. 50)

Ou seja ao buscar descobrir caminhar juntos e defender as mesmas causas os grupos envolvidos no grito devem necessariamente entrar em diálogo e crescer em unidade. Tomam sobre si as dores e os clamores do povo. As diferenças ideológicas e de forma de atuação não devem dispersar ou fazer perder de vista o objetivo comum de combater as ameaças aos excluídos e excluídas.

A experiência de organização do Grito dos Excluídos e das Excluídas em Mossoró guarda consonância com a proposta e as práticas realizadas em outros lugares do Brasil, com algumas características próprias e acontece sem interrupção desde a sua criação em 1995. Para abordá-las nos baseamos tanto na observação própria como em entrevista com participantes da organização em nossa cidade e exame de documentos, cartilhas, panfletos e convites elaborados pelo grupo.

O específico desta práxis começa pelo grupo que a organiza que se dá fora do espaço da Igreja Católica em sentido estrito. Pois quem convoca as reuniões e coordena o processo são os sindicatos de trabalhadores e movimentos sociais tendo com o apoio de algumas pastorais sociais ou movimentos mais militantes como: Pastoral Operária, Pastoral da Juventude do Meio Popular, Comissão Pastoral da Terra, Escola Fé e Política e o Centro de Estudos Bíblicos. A maioria dos Sindicatos da cidade participam desta luta. Em relação aos movimentos há uma diversidade e mobilidade grande mas nos últimos anos temos compõem o núcleo de articulação: a Marcha Mundial das Mulheres, a União dos Estudantes Secundaristas, o grupo Mulheres em Ação, o

Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, o Centro de Referência de Direitos Humanos da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (CRDH-UFERSA) e os Diretórios de estudantes do IFRN, UERN e UFERSA. Pelo menos estes grupos foram os mais citados e mais atuantes.

São estes personagens que deflagram o processo, convocam e estimulam outros grupos e entidades e as pastorais clássicas e a estrutura clássica da organização católica em paróquias. A adesão dos chamados “agentes de pastoral” ao grito depende muito da influência e do estímulo de suas lideranças. A rádio rural de Mossoró, instrumento de comunicação de propriedade da Diocese Católica de Mossoró, apoia o movimento abrindo espaço para divulgação, debates e reflexões aos organizadores do Grito.

Diferente de outros lugares do país, em Mossoró o grito se dá no meio do desfile do sete de setembro e não em espaço ou data alternativos. Esta construção se deve a história da construção do grito que começou pequeno e buscando incomodar as autoridades e chamar a atenção do público presente ao desfile. Hoje depois de diversas negociações com a organização do desfile, o grito já é presença certa, embora sempre haja certa tensão no momento de entrar na avenida. O grito passa e dá o seu recado acompanhada de vaiais ou aplausos e aproveitando para conversar com o público presente. Mas em anos anteriores a sua participação foi barrada ou castrada como tentativa das autoridades de proibir a presença de símbolos, cartazes e carro de som.

As reuniões de articulação normalmente se realizam no Sindicato dos comerciários por se localizar no centro da cidade e porque seus dirigentes são protagonistas deste processo. Nestes encontros semanais se faz o levantamento da realidade e local e seus desafios para que a proposta Nacional lance raízes no chão da nossa realidade. A partir das urgências são montadas atividades como seminários, pré-gritos, rodas de conversa, e oficinas. São realizadas ainda visitas e mobilizações com as populações mais atingidas pelos desafios percebidos.

Como exemplo citamos a atuação do grito no ano de 1998 no apoio a e articulação da chamada marcha contra a fome que ocupou a prefeitura com cerca de 2000 pessoas que pediam Trabalho, Pão e Liberdade. O grito apoiou a luta dos moradores da Favela do Tranquilim por Moradia e dignidade e apoio a luta dos agricultores de Apodi contra o projeto de implantação de agroindústrias na chapada.

Os plebiscitos populares propostos pelo grito e realizados nos anos de 2000 contra a Dívida Externa e no ano de 2002 contra a área de Livre Comércio das Américas (ALCA) também aconteceram em Mossoró. A coleta de assinaturas foi precedida de seminários, discussões e atualizações sobre o tema realizadas em escolas, órgãos de imprensa e entidades chegando a atingir

a marca de 10.000 pessoas que deram sua opinião. Neste plebiscito, o resultado final com a vontade da população foi reunido pela articulação nacional e entregue as autoridades com ampla divulgação.

Um dos problemas do Grito é Exatamente a divulgação pois a grande mídia não dá espaço para o movimento. Hoje com os meios alternativos e as redes sociais a articulação ficou mais fácil, mas no início predominava o corpo a corpo e a conversa boca a boca.

Neste ano de 2017, desde a articulação nacional, o grito “chama a atenção da sociedade para a urgência da organização e luta popular frente à conjuntura em que o país vive hoje, estamos diante de um cenário de retrocessos, muitas vezes com o apoio dos meios de comunicação social, de desmonte do processo democrático e da perda iminente de direitos dos trabalhadores, conquistados a duras penas. Situação que se agrava com a corrupção política que tornou o Brasil um verdadeiro mar de lama. Porque este sistema está preocupado em defender e resolver o problema da economia, por isso o Grito quer rediscutir esse sistema, propondo que a vida esteja em primeiro lugar.”⁹

O processo de construção do grito foi iniciado ainda em maio com a realização de uma vigília denominada Vigília da Esperança, com o objetivo de fortalecer a mística dos participantes. Conforme convite e imagem abaixo.



Figura 1 – arquivo da organização do grito dos Excluídos



⁹ página <http://www.gritodosexcluidos.org//História>

Figura 2 – arquivo da organização do grito dos Excluídos

Foram identificados em Mossoró diversos gritos em 2017 e devido a ligação com pessoas que compõem o grupo eleitos como prioridade o abandono das periferias urbanas, o grito dos trabalhadores e o grito da educação.

Para favorecer uma maior participação das entidades as reuniões foram descentralizadas e realizadas na sede do Sindicato dos Hoteleiros e da Administração Indireta, por exemplo.

Para chegar mais próximo das dificuldades que as comunidades de periferia vivem foram realizadas seis reuniões de articulação nas comunidades de Estrada da Raiz, Santa Helena, Wilson Rosado e Cajazeiras, levantando os problemas e discutindo com as lideranças comunitárias e agentes de pastoral ligados as capelas as formas de pressionar e cobrar os poderes públicos. Esta mobilização culminou com a realização do que foi denominado “Grito das Comunidades” no dia 23 de julho com uma caminhada das Cajazeiras até o conjunto Wilson Rosado, iniciando com uma celebração e encerrando com um ato. Foram elaborados documentos assinados pelos moradores para entrega das reivindicações as autoridades.



Figura 3 – arquivo da organização do grito dos Excluídos



Figura 4 – arquivo da organização do grito dos Excluídos

Chamou a atenção dos organizadores o fato dos moradores das comunidades terem se mobilizado e elaborado a carta os cartazes e as denúncias de forma autônomo, sem precisar da interferência ou ajuda dos organizadores do grito. A partir dessa mobilização representantes das comunidades envolvidas passaram a participar das reuniões de articulação do grito, se comprometendo a levar seu grito para a avenida no dia 07 de setembro.

Além desta mobilização nas comunidades foram realizadas em 2017 rodas de conversas para discutir o tema nas comunidades do Nova Vida, Maisa, Estrada da Raiz, Abolição II, estando programada ainda uma no bairro dos Teimosos e outra na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. As rodas de conversa não são palestras ou doutrinação mas uma escuta de como as pessoas estão compreendendo a sua realidade e com esta realidade está incluída no tema e na luta do grito.

As rodas de conversa e mobilizações consistem num verdadeiro método de trabalho popular, na forma como a Comissão Pastoral da Terra o compreende: “Método de trabalho popular é o modo como você articula tipos de atividades, conteúdos e maneiras de fazer, tendo em vista seus alcançar objetivos de libertação pessoal e coletiva num determinado contexto histórico-cultural. (Peloso, 202 – Pag 27)”.

Essas mobilizações realizadas em 2017 são apenas um exemplo de como o grito atua. Com poucas modificações as atividades dos anos anteriores seguem a mesma dinâmica. Em anos anteriores também ocorreram oficinas de produção de cartazes e estandartes para o dia 07 de setembro, estas antecedidas de uma discussão sobre o tema do ano.

Outro ponto fundamental na articulação do grito é a mobilização das bases por meio de visitas e presença do grito em atividades realizadas pelas entidades que a integram ou ainda ocupando os meios de comunicação. Citamos por exemplo a presença no seminário sobre agroecologia realizado pelo CRDH, as festas de padroeiro e celebrações das comunidades visitadas, nas assembleias dos sindicatos e a presença nas feiras agroecológicas do museu e do Nova Vida.

Na imprensa se aproveitam os espaços em programas jornalísticos ou emissoras comunitárias e ainda as redes sociais para convidar para as atividades e reuniões. O grito é um espaço coletivo e aberto para todos os que se reconhecem excluídos ou com ele se solidarizam.

Como se trata de um trabalho totalmente voluntário, os membros e entidades se organizam para realizar as atividades e dividir as despesas pois no dia do grito algumas pessoas precisam de transporte para se deslocar devido a distância e a dificuldade de acesso e precisam de água e alimentação. Temos também despesas com faixas, cartazes e carro de som. O grito é mantido por contribuições voluntárias ou eventos e vendas de camisetas e outros materiais.

Tendo nascido de uma experiência das comunidades cristãs e ocorrendo nos meios populares o grito tem uma mística que o sustenta e sem ela não caminha. No último dia 31 de agosto foi realizada um seminário com os movimentos que compõem o grito para partilhar as motivações. Estas são diversas mas a fé a luta pelos direitos ficaram em primeiro plano, bem como a esperança de dias melhores e a consciência de que o povo reunido é mais forte.

Cantos, orações, dinâmicas sustentam a mística. Mas o mais citado pelos participantes como característica do grito que lhe atrai é o caráter coletivo e plural da sua construção. De fato todas as pautas e atividades são discutidas, votadas e assumidas pela assembleia. Participando do grito os cristãos resgatam a dimensão profética da sua fé, que nossa continente Latino Americano foi assumida pela Teologia da Libertação.

O educador Paulo Freire fala sobre o tema no livro os cristãos e a libertação dos oprimidos, sustentando que:

Existem, contudo, também aqueles que, em número cada vez maior sem renunciar às suas opções cristãs ou renunciando a elas, se comprometem cada vez mais com a causa de libertação das classes dominadas.

A experiência está lhes ensinando que ser cristão não significa necessariamente ser reacionário, assim como ser revolucionário não implica ser 'demoníaco'.

Ser revolucionário significa opor-se à opressão e a exploração e estar a favor da libertação das classes oprimidas em termos concretos e não em termos idealistas. (Freire, 1978 – pag. 22-23)

A experiência revolucionária do grito tem seus limites e problemas. Em certos momentos alguns grupos podem querer instrumentalizar ou manipular o processo. Também é preciso muita vigilância para que no dia do desfile, culminância da construção coletiva, outros grupos se aproveitem da mobilização para dar visibilidade a temas que não foram discutidos nas plenárias, Isto já aconteceu em anos anteriores e foi avaliado como negativo, buscando-se a correção.

Mas o maior limite do grito é o seu caráter sazonal. Após o dia 7 temos quase que um anticlímax e nunca se conseguiu dar continuidade a articulação, mobilizações e discussões permanentes dos movimentos e pastorais sociais. Em anos anteriores já se propôs a criação de um fórum permanente dos movimentos sociais mas a ideia nunca vingou. O sonho e as energias envolvidas neste momento parece que fenecem em setembro para ressurgir no ano seguinte. O ideal buscado é a mobilização constante para levar a prontidão na defesa da vida. Que ele nunca deixe de ser perseguido

REFERÊNCIAS

PELOSO, Ranulfo e outros, Saberes e Olhares. A formação e Educação Popular na Comissão Pastoral da Terra. 1ª Edição. 2002. São Paulo. Edições Loyola.

FREIRE, Paulo. Os cristãos e a libertação dos oprimidos. Lisboa. Edições Base, 1978

FREIRE, Paulo. Conscientização – teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 4 ed. São Paulo: Moraes. 1980

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS COM ORGANIZADORES DO GRITO DOS EXCLUÍDOS EM MOSSORÓ